

TRADUÇÃO DE TEXTO DE FILOSOFIA PARA LIBRAS: CONDIÇÃO PARA RECEPÇÃO FILOSÓFICA PELO ESTUDANTE SURDO

*Edson Teixeira de Resende¹
Jonatas Rodrigues Medeiros²*

Resumo

O ensino de filosofia utiliza do texto filosófico como um dos principais instrumentos para a aprendizagem. Nem sempre o estudante surdo tem acesso ao texto em sua língua natural, o que precariza ou mesmo impossibilita a recepção do conteúdo filosófico em sala de aula. O artigo visa mostrar como se desenvolve o letramento filosófico com os estudantes surdos. Descreve aspectos teórico-metodológicos da tradução de textos clássicos de filosofia para a Língua Brasileira de Sinais – Libras, na perspectiva de letramento visual bilíngue na composição do material bilíngue para surdos, além de discutir a recepção filosófica para os estudantes Surdos e professores. Indica procedimentos metodológicos para tradução de textos filosóficos para a videolibras observando a movências de uma leitura interdisciplinar nos Estudos da Tradução. Analisa o problema (objeto textual) em diálogo com a Filosofia da Linguagem de vertente Bakhtiniana e suas ramificações. Apresenta considerações didático-pedagógicas propositivas sobre o letramento filosófico a partir da tradução em videolibras visando, com isso, proporcionar condições mais satisfatórias da recepção filosófica para estudantes Surdos.

- 1 Doutor em Educação pela UFPR. Professor de Ética da FESPPR. Professor de Filosofia da SEED-PR. Pesquisador do NESEF/UFPR. E-mail: profetr@gmail.com
- 2 Mestrando em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), orientado pela profª Drª Silvana Aguiar dos Santos. Graduado em Letras Libras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tradutor Intérprete de Libras (UFPR). Membro do Programa de Extensão TILSJUR. E-mail: jonatasmedeiros@ufpr.br

Palavras-Chave: Aprendizagem Filosófica; Letramento Visual Bilíngue Filosófico; Tradução em Libras; Videolibras.

Introdução

As condições do filosofar e sua possibilidade foi e é objeto de várias reflexões durante a história do pensamento humano, sendo recorrente as propostas de Kant e Hegel sobre se ensinamos filosofia (sua história, problemas e conceitos) ou se ensina-se a filosofar. Compreendendo que um não exclui o outro, mas avança, aprofunda e demarca uma intencionalidade. Não se aprende simplesmente para reproduzir ideias como se elas estivessem restritas ao passado, a apropriação dos problemas e conceitos filosóficos desenvolvidos na história da filosofia ganha vivacidade quando serve para pensar o cotidiano e seus carecimentos.

O problema que aqui será examinado tem a ver com as condições de estudo e letramento filosófico do estudante surdo tendo como referência central o texto filosófico. Isto é, a tradução de textos clássicos de filosofia e seus aportes para a Língua Brasileira de Sinais, com a perspectiva de letramento visual na composição do material bilíngue.

A partir desta problemática de pesquisa buscou-se na revisão da literatura e no processo de tradução elementos que contribuí para a realização da mudança de linguagem do texto escrito para uma língua de modalidade visoespacial, utilizando-se do conceito verbovisual que combina elementos da materialidade, verbal e visual que são apresentados no videolibras³ contendo o texto filosófico. Entender os conceitos e reflexões filosóficas são importantes no processo de tradução e nas escolhas realizadas pensado no processo de utilização do material pelo público alvo, como vai ocorrer a mediação docente, os elementos textuais explícitos e implícitos que precisam ficar demarcado no trabalho para possibilitar a apropriação adequada das ideias contribuindo para a reflexão e produção da pessoa surda a partir do texto fonte em sua língua natural.

Consideremos como elemento do processo de tradução, a busca por conceitos em dicionários da língua de sinais grega para o texto traduzido *Apologia de Sócrates*⁴, sinais de deuses, por exemplo, foram utilizados levando em consideração a busca realizada por uma consultora surda bilíngue. Tanto a consultora como a tradutora surda foram importantes para legitimar o princípio de que o trabalho é feito com

3 O termo videolibras é utilizado para denominar vídeos produzidos em língua de sinais brasileira (MARQUES, OLIVEIRA, 2012; FERNANDES E MEDEIROS, 2016; FERNANDES, MEDEIROS e SANTOS, 2017; FERNANDES E MEDEIROS, 2017). Recentemente Silva (2019) inaugurou a expressão "Libras videossinalizada", em sua tese.

4 A obra utilizada foi PLATÃO. *Apologia de Sócrates*; Críton ou do dever; Fédon ou da alma. Tradução: Corvisieri, Enrico. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996. (Coleção Os Pensadores). Importante mencionar que o consultor dessa obra foi o José Américo Motta Pessanha professor de filosofia da UFRJ.

e não para eles, dialogando com o olhar surdo sobre o texto e a definição de melhores escolhas. O ensino da filosofia, e o filosofar devem ser dialógico e considerar as pessoas como integrantes dos diversos processos, o que colabora para legitimidade da produção para potencializar a reflexão filosófica dos estudantes Surdos.

Um dos pontos desse trabalho é entender a importância da tradução, da necessidade de estabelecer objetivos conhecendo a cultura surda, o aspecto visual e como o videolibras será utilizado no ensino e aprendizagem na disciplina de filosofia com os estudantes do Ensino Médio. Outro aspecto a ser considerado é a natureza do conhecimento filosófico: os conceitos e os textos que permitam um pensar rigoroso sobre questões e problemas filosóficos que instiguem o estudante Surdo a pensar e produzir na sua língua natural⁵, como condição mais adequada e justa para o ensino e a aprendizagem.

O estudante surdo e a recepção do texto filosófico

É preciso reconhecer o papel da cultura na constituição do sujeito. Ao considerar essa problemática, devemos recordar o mito da caverna, presente no capítulo VII da República de Platão, que descreve como a vivência do sujeito num determinado ambiente desde a infância orienta para a aceitação de algumas concepções como verdadeiras, mesmo que de fato não o sejam. Torna-se preciso entrar em contato com uma nova cultura, questionar, investigar a realidade na busca de superar a antiga concepção de mundo. Porém, esse transformar sempre será *a posteriori* e com sofrimento, como o próprio filósofo descreve, que sentirá dor e desejará voltar. E só através da força das perguntas foi obrigado a continuar investigando até aceitar a tese encontrada com uso da razão.

A descrição do mito da caverna serve para ilustrar o papel importante da cultura na constituição do sujeito, e suas implicações no processo de escolarização, de educação, sendo que essa pode ajudar no processo de entendimento da realidade e auxiliar a viver de maneira a se realizar.

Como descreve Platão,

A educação é, pois, a arte que se propõe este objetivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e mais eficazes de o conseguir. Não consiste em dar visão ao órgão da alma, visto que já tem; mas, como ele está mal orientado e não olha para onde deveria, ela se esforça por encaminhá-lo na boa direção (PLATÃO, 1996, p. 229).

O direcionamento proposto por Platão contribui para problematizar o cotidiano do estudante no processo de escolarização e seu papel

5 Língua natural compreendido não como inato, mas como adequada para o aprendizado devido a sua apreensão de forma visual, condizente a experiência surda, em consonância com o Movimento Surdo que reivindicam políticas públicas que garantam a Libras como L1 (primeira língua) desde a infância nas diversas esferas que perpassam a vida cotidiana.

(como sujeito) na produção da cultura. Em sentido estrito, o ensino de Filosofia na escola também se relaciona com sujeitos reais, de carne e osso, o que faz com que os conteúdos, metodologias e estratégias sejam pensados tendo como referência o sujeito e seu cotidiano no interior da sala de aula. Portanto faz-se necessário, valorizar e buscar elementos para o filosofar no interior da escola com pluralidade cultural, pois:

A humanidade, ao longo do tempo, adquire conhecimento através da língua, crenças, hábitos, costumes, normas de comportamento dentre outras manifestações. Partindo do suposto que cultura é a herança que o grupo social transmite a seus membros através de aprendizagem e de convivência, percebe-se que cada geração e sujeito também contribuem para ampliá-la e modificá-la (STROBEL, 2008, p. 17).

Entendemos que “os valores culturais são algo compartilhado; os membros precisam aprender, aceitar e compartilhar os valores do grupo antes que eles possam ser considerados como parte dessa cultura” (WILCOX; WILCOX, 2005, p. 92). Nesse sentido, analisamos o argumento de Marques (2008, p. 80-81), de que o processo de percepção do outro deve superar o solipsismo, a condição da existência concentrada no eu, a centralidade de valores culturais na maneira de comportar e pensar, e a forma significativa da condição de existência concreta, que é avaliada a partir da relação do eu com o outro. Pensar no estudante Surdo, portanto, é pensar a partir dos valores da comunidade surda.

A língua é um fator primordial, entre outros, de reconhecimento e expressão do pensamento no mundo. Neste caso, referimo-nos a importância de considerar o domínio da Libras como meio essencial através do qual o estudante Surdo se comunica. Isto é, meio de modalidade visoespacial da Libras e articulação com outras matrizes de linguagens visuais. Através desses fundamentos linguísticos, percebemos que o modo estrutural de pensar e agir é distinto e assim deve ser considerado, razão porque é necessário considerar simultaneamente a cultura surda e seus usuários.

A Língua de Sinais para a aprendizagem e formação do sujeito surdo é crucial, como bem destaca Quadros (1997, p. 45): “O fato de ‘permitir’ e/ou ‘não permitir’ que as pessoas surdas usassem suas línguas espaciais-visuais provocaram profundas mudanças na vida das pessoas que integram tais comunidades”. O intuito aqui é entender a relevância da Língua de Sinais na cultura surda e como a instituição escolar pode colaborar.

Ainda nessa relação entre a escola e a língua materna, Bourdieu e Passeron (2011) comenta,

o êxito nos estudos literários está muito estreitamente ligado à aptidão para o manejo da língua escolar, que só é uma língua materna para as crianças oriundas das classes cultas. De todos os obstáculos culturais, aqueles que se relacionam com a língua

falada no meio familiar são, sem dúvida, os mais graves e os mais insidiosos, sobretudo nos primeiros anos da escolarização, quando a compreensão e o manejo da língua constituem o ponto de atenção principal na avaliação dos mestres (BOURDIEU; PASSERON, 2011, p. 46).

Bourdieu e Passeron (2011) analisam a importância da língua no ambiente escolar apontando que a valorização ocorre de maneira explícita ou implícita nesse campo. É relevante considerar como a Libras está presente no processo de ensino e aprendizado, respeitá-la como constitutiva da cultura surda, de suma importância para a participação na comunidade surda e na formação da identidade do estudante.

Para se conseguir dar alguns passos a fim de que o estudante Surdo seja reconhecido como sujeito de aprendizagem é romper com preconceitos e falta de condições físicas e de recursos humanos necessários para atender os estudantes surdos. Como assevera Patto:

a maior parte dos preconceitos é [ser] produto das classes dominantes, pois é a elas que interessa manter a coesão de uma estrutura social, conseguida em parte graças à mobilização, através de preconceitos, dos que representam interesses diversos ou até mesmo antagônicos. Apoiadas no conservadorismo, no comodismo, no conformismo ou nos interesses imediatos dos integrantes das classes ou camadas sociais que lhes são antagônicas, as classes dominantes conseguem mobilizá-las contra os interesses de sua própria classe e contra a práxis (PATTO, 1993, p. 127).

Pensando o uso do texto filosófico em sala de aula como uma das possibilidades para contribuir com a formação cultural do estudante surdo, é preciso alertar, todavia, que os textos utilizados e produzidos dentro da tradição da Filosofia são oferecidos, no caso brasileiro, apenas em Língua Portuguesa na modalidade escrita. Tanto a leitura quanto a interpretação requer conhecimentos específicos. Poder-se-ia dizer, então, da impossibilidade da presença do Surdo na sala regular já que a mediação do trabalho com o texto exige o emprego de conceitos e sua explicação por parte do educador. Contudo não se trata de uma inabilidade exclusiva do sujeito Surdo, pois, esse enfrentamento ocorre também com os estudantes ouvintes, como foi descrito pelos pesquisadores Valse (2013), Vieira (2012) e Rodrigo (2009), os estudantes ouvintes apresentam dificuldades para o estudo filosófico com o texto, inclusive com a mediação que é fundamental para a efetivação desse recurso.

Seguindo esta sequência, entendemos que a constituição de um *corpus* de textos filosóficos em Libras é emergente e urgente. Sem questionar os meios de acesso possível da recepção do texto ao estudante Surdo, não poderemos tratar de uma pedagogia didática do ensinar filosofia, sem questionar a estrutura linguística *operandi* em nossos sistemas de ensino.

Apenas reconhecer a Libras como meio de expressão e comunicação legal, e fornecer um intérprete de Libras em sala, não garante uma Educação Bilíngue satisfatória, uma vez que a mudança curricular e cultural, devem ser pautadas como basilar para a ampliação e legitimação do direito à uma educação bilíngue de qualidade.

A presença de professores Surdos nas escolas, a disciplina de Libras, a valorização da Libras e das identidades surdas, assim como uma presença comunitária e não isolada dos estudantes Surdos, são alguns tópicos a ser confrontados ao analisarmos currículos de escolas inclusivas e até mesmo escolas bilíngue para Surdos.

Afinando ainda mais esta discussão na língua de sinais, as políticas de traduções (SANTOS e VERA, 2020; SANTOS e FRANCISCO, 2018), enfatizam a articulação entre políticas linguísticas e políticas de tradução como garantia de direitos humanos. Além disso, percebemos pesquisas que fazem aproximação das políticas linguísticas com políticas educacionais bilíngue como abordado por Fernandes e Moreira (2017) e Martins e Fernandes (2020). Essas leituras permitem refletir como o acesso a textos traduzidos já é um direito conquistado. Impossível pensar num projeto de Educação Bilíngue que não contemple a produção de materiais em Libras como livros (de todos os gêneros, inclusive didáticos), artigos acadêmicos, contos e textos clássicos em geral. Ademais, não se pode aceitar que toda a produção circule somente em língua portuguesa sem dar acesso às comunidades surdas brasileiras em Libras.

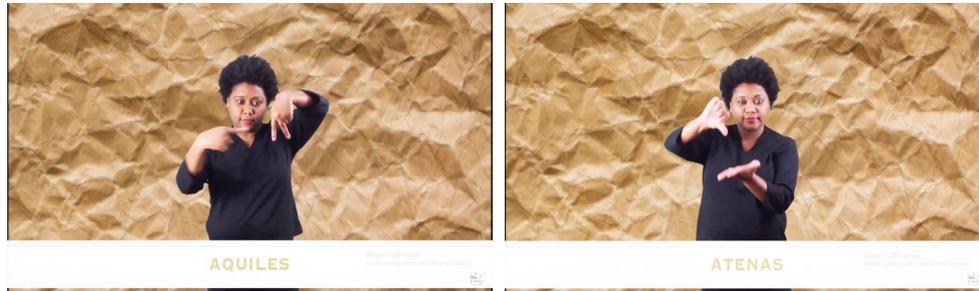
Justificar a importância da tradução como uma das condições *sine quo non* para o respeito cultural com o estudante Surdo e condição para que o estudante possa responder as perguntas radicais descritas por Heller (1983, p. 33), “como deve pensar, como deve agir, como deve viver”. Sendo que a resposta a essas questões implica na recepção da filosofia de acordo com Heller (1983).

Entendemos que o letramento visual bilíngue filosófico ocorre permeado pela mediação docente e utilizando diversos elementos para que a aprendizagem dos conceitos filosóficos e sua apropriação permita a recepção filosófica que se manifesta e articula-se com a vida cotidiana. Para que o trabalho do letramento visual bilíngue filosófico possa se efetivar, um dos elementos é demonstrar a necessidade de uma construção de *corpus* de textos filosóficos em videolibras, mas somente isso ainda não possibilita o letramento visual bilíngue filosófico. É fundamental um trabalho docente ao considerar elementos constitutivos da vida cotidiana do estudante, a cultura escolar, a questão do domínio linguístico de Libras do estudante.

Pensando nisso, a tradução da Apologia de Sócrates em Libras propõe, como paratexto, um sinalário que considera importantes sinais-conceitos na obra em videolibras. São sinais que podem ser explorados e problematizados com os estudantes, a mediação dos sinais-termos e diálogo é condição fundamental para o entendimento, pois a aprendizagem nessa perspectiva requer analisar o contexto e o texto filosófico

como argumentos da sua compreensão do cotidiano e dos carecimentos possibilitando o letramento visual bilíngue filosófico.

IMAGENS 1 e 2. SINALÁRIO



Imagens produzidos pelos autores⁶.

O sinalário no início da tradução em videolibras permite que os estudantes se apropriem de sinais e conceitos pouco usual na comunicação cotidiana, tenham um entendimento melhor da leitura em fluxo do videolibras. O sinal do personagem Aquiles (imagem 1), é pouco disseminado na comunidade surda, assim como o sinal topônimo de Atenas não é do conhecimento de todos. Com a apresentação do sinalário, é possível que o leitor identifique os sinais-termos previamente postos. Como comentaremos adiante, as escolhas dos sinais-termos são feitas na etapa de pré produção da tradução.

É primordial que o processo de estudo a partir dessa produção seja mediado pelo docente assim como ocorre com a língua escrita, onde utilizamos da metodologia para demonstrar a importância de reconhecer o problema, objetivos, metodologias, argumentos e conclusões presente no texto e realizar um fichamento, esse processo é similar só que deve ocorrer em Libras e sabendo que estamos trabalhando com estudantes do ensino médio é preciso ensinar e muitas vezes fazer junto com eles.

A compreensão do letramento visual bilíngue filosófico com o estudante Surdo se apoia nas análises de Fernandes (2003, 2006), entendendo:

- o letramento como o substantivo para nomear as práticas a serem desenvolvidas em sala de aula, estamos delineando alguns princípios que nortearão os encaminhamentos metodológicos que estamos sugerindo:
- o letramento toma a leitura e a escrita como processos complementares e dependentes (o português é o que o aluno lê/vê);
- o letramento considera a leitura e escrita sempre inseridas em práticas sociais significativas;
- há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades do leitor/escritor em seu meio social e cultural. Esses princípios atestam que as práticas de letramento estão intimamente ligadas a contextos de LEITURA (FERNANDES, 2006, p. 08-09).

6 As imagens produzidas pelos autores neste trabalhos, são obtidas a partir da produção "autoral" se encontram disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=2o3ZmgaZ5rM&t=11915>>

A questão do letramento segundo Kleiman (1995) se constitui em práticas sociais que envolvem a pessoa promovendo uma compreensão social da leitura (vê) escrita (produção em Libras ou SignWriting) promovendo uma implicação social, pois, o letramento “considerado enquanto conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder” (KLEIMAN, 1995 p. 11). Ressaltamos que compreendemos o letramento e a leitura, não apenas como exclusivas da escrita, mas articulada a diferentes semioses, paisagens e objetos. Lemos o mundo para além do texto gráfico, textos visuais compõem as nossas referências e possibilidades de significação.

O processo de poder presente no entendimento do texto a partir do letramento, colabora para valorizar a diversidade linguística, o trabalho de leitura pelo viés do letramento visual bilíngue filosófico proporcionando que a apreensão do conceito filosófico possa ser aplicado ao carecimento oriundo da vida cotidiana. Proporcionar estratégias metodológicas para transpor os conceitos abstratos presente na obra, são relevantes para que o estudante possa elaborar argumentos e estruturar o pensamento relacionando com outros aprendizados concretos.

Ressalta-se que a produção permite aos educandos compartilhar sua compreensão filosófica, utilizando para esse processo elementos oriundos da produção filosófica realizada por filósofos ao longo da história universal. A partir do método filosófico o educando é instigado a encontrar elementos para organizar suas ideias e sua produção tendo consciência que o problema filosófico é algo que emerge da relação dele com o mundo, com a cultura, com os outros e consigo. Para que o ensino da filosofia ocorra é preciso considerar o *habitus* do educando, na tentativa de criar o entendimento do seu capital cultural e de como ele se relaciona com o campo acadêmico, profissional ou social sabendo as estratégias que poderá utilizar para legitimar sua produção intelectual.

O letramento visual bilíngue filosófico considera que o ensino para a pessoa Surda e sua relação com a linguagem, conforme mencionado por Sacks, é:

na infância, somos reduzidos a julgar significado das palavras a partir de circunstâncias nas quais as ouvimos, ocorre com frequência que apreendemos o significado apenas aproximadamente [...] É diferente no caso dos surdos [...] Este só tem um meio de dar a eles ideias sensoriais: é analisar e fazer com que o pupilo analise junto. Assim, ele os conduz de ideias sensoriais a ideias abstratas (SACKS, 2010, p. 30).

A Libras muitas vezes deixa de ser utilizada na mediação do conhecimento, isso porque os professores não são fluentes em Libras ou sabem de forma simplória, com poucos léxicos, mas não apenas a docência, estudantes entre si são poucos estimulados a sinalizarem, assim como toda a comunidade escolar. Por um lado, a língua é

importante para apropriação do conhecimento produzido durante a história da humanidade, por outro, também para manifestação da produção autoral do estudante. O letramento visual bilíngue filosófico com o estudante surdo deve considerar sua língua natural possibilitando que ele apresente sua produção por ela.

A recepção filosófica tem suas condições de realizar contribuições para o letramento visual bilíngue filosófico quando a proposta das atividades para o filosofar emergem do tempo e das condições da vida cotidiana presente nos sujeitos. O processo do filosofar deve levar a ação, portanto a práxis deve realizar-se. Podemos entender que ensinar filosofia consiste se apropriar do pensamento, argumentos, problemas e objetivo presente nos textos na perspectiva de transformar o sujeito e ação deste. E ao trazer o papel do agir, não se deve cair na tentação de ir para o outro extremo deixando de refletir, pensar, e construir argumentos, revisitando os textos para entender como outros se propuseram a pensar.

O ensino da filosofia ao considerar a *mediação praxiológica*, conforme Horn, apresenta vários elementos didáticos para o ensino, desde a seleção do conteúdo, as tecnologias digitais de informação e comunicação empregadas para o ensino, a avaliação, planejamento docente, a concepção adotada pelo docente sobre filosofia e a maneira de ensinar e aprendê-la, as estratégias metodológicas como a educomunicação decorrente do exercício profissional docente.

Trata-se, na verdade, de enfatizar a necessidade de repensar o saber a ser ensinado na perspectiva da invenção de um espaço curricular próprio e da indicação de uma perspectiva de organização do saber filosófico para o Ensino Médio; de apontar para a prática de ensinar Filosofia no que se refere à relação entre o conteúdo, os objetivos e a maneira com se ensina (HORN, 2008, p. 181).

O letramento visual bilíngue filosófico com o estudante surdo solicita que a *mediação praxiológica* tenham *input* visual, o uso da Libras como a língua de instrução, mediação e dos materiais para estudos, sendo fundamental a tradução do texto para videolibras, no processo de avaliação o estudante deve produzir na sua língua natural e ter a vida cotidiano como elemento basilar.

Tradução intersemiótica do texto filosófico para videolibras

Nesta seção apontaremos alguns elementos relacionados ao texto filosófico *Apologia de Sócrates* em Libras⁷, buscando destacar aspectos utilizados no processo tradutório que corroboram para o letramento visual bilíngue filosófico. Algumas considerações são importantes

7 Disponível no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=203ZmgaZ5rM&t=11915>>

ao comentarmos sobre aspectos da tradução do texto sinalizado em videolibras, já que a relação deste texto no suporte vídeo, configura-se como uma textualidade em performance sinalizada, que modifica as propostas comuns de análises tradutórias clássicas pautadas apenas no texto escrito.

Nosso aporte teórico respalda-se dentro dos Estudos da Tradução em diálogo com outros campos dos Estudos da Linguagem, o que possibilita uma lente interdisciplinar para análise e descrição de textos traduzidos em videolibras. Vale mencionar que o processo tradutório obteve diálogos constantes com a coordenação do pesquisador e filósofo Edson Rezende que acompanhou todas as etapas, filmagem e pré edição Felipe Patrício e edição de vídeo de Paulo Dias, que também é filósofo. A tradução contou com o trabalho de pesquisa de Angela Girardi (surda) e do historiador, pesquisador e intérprete Rhaul de Lemos Santos, que também atuou na performance tradutória em conjunto com Paula Roque (surda) e Jonatas Medeiros.

Roterização da Tradução Intersemiótica em videolibras

O linguista russo Jakobson (2013), define a tradução intersemiótica como um processo que consiste na “interpretação dos signos verbais por meio de sistema de signos não verbais”. Podemos pensar como exemplo de tal processo o livro *Macunaíma* de Mário Andrade que virou filme em 1969, ou *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector que se tornou filme em 1985. Podemos também pensar em livros que são adaptados para teatro ou até mesmo para um espetáculo de dança, *A bela e a fera* versão *ballet*, ou o *Cisne Negro* de *ballet* para filme. Ainda, uma música que vira filme, como *Faroeste Caboclo*, ou poesias que viram pintura, como as obras de Celso Sisto.

O cerne de tal análise, parte da compreensão que os textos traduzidos em videolibras, caracterizam-se como traduções intersemióticas (SEGALA, 2010; QUADROS; SEGALA 2015), já que são empregados recursos linguísticos (a Libras como língua alvo e termos em português) além da utilização de elementos extralinguísticos (imagens, gráficos, laudas, planos de fundo e etc.). Assim salienta-se que “é uma tradução que envolve línguas, ou seja, sistemas verbais (tradução interlingual) e outros sistemas não-verbais (tradução intersemiótica)” (QUADROS; SEGALA, 2015, p. 359).

Isso, configura uma modalidade textual que utiliza-se de recursos tecnológicos e emprega diferentes elementos simbólicos.

Esses tipos de tradução se sobrepõem no texto em Libras, pois trazem elementos linguísticos combinados com elementos essencialmente visuais que apresentam também componentes linguísticos, no caso das descrições imagéticas, mas combinados com elementos não verbais, no sentido de não se enquadrarem na linguística convencional (QUADROS; SEGALA, 2015, p. 365).

Quadros (2002), por exemplo, observa que o trabalho de tradução do português escrito para a Libras contempla especificidades devido à modalidade visoespacial que caracteriza as línguas de sinais, que estão relacionadas não apenas ao processo tradutório, mas como também aos recursos tecnológicos necessários ao registro e socialização dos textos.

Destacamos, que em diálogo com Jakobson (2010), nos afastamos de sua concepção de tradução como estritamente uma atividade de transposição de códigos. O autor compreende tal trabalho como uma constante de busca por equivalências, “o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte” (JAKOBSON, 2010, p. 82). De outra forma, entendemos tal processo, inclusive na lente da tradução intersemiótica, como uma atividade de intervenção e resistência (OTTONI, 2005), já que na tradução “consta a existência de diferença e semelhanças entre as línguas” (OTTONI, 2005, p. 77). Essas diferenças não correspondem apenas ao caráter linguístico, mas também cultural, que engloba formas de apreender e acessar o mundo.

Refletindo sobre materiais traduzidos para a comunidade surda, não podemos desconsiderar a inter-relação de conteúdo verbal e não verbal, para maior aproveitamento e estímulo de referências da compreensão surda. Como já citamos, Fernandes (2003, p. 108), aponta a direção da importância da “interação com diferentes formas de representação simbólica como gráficos, textos, movimentos, ícones, imagens, softwares, internet, entre outros” como benéficos para a Educação de Surdos. Essa compreensão em um primeiro momento focada no ensino de língua portuguesa como segunda língua, alarga-se em seus trabalhos para outras atividades de ensino, como em outras disciplinas escolares (história, geografia, filosofia etc.), assim como também dialoga com outros campos teóricos como as políticas linguísticas e os estudos da tradução.

Materiais como artigos e livros acadêmicos, videoguia para museus, entre outros diferentes gêneros textuais em videolibras, são alvo de suas investigações. O letramento bilíngue mediado por elementos visuais é a contribuição metodológica de Fernandes, para se pensar a mediação de textos com a comunidade surda. Nas palavras da autora, para os surdos “[...] A leitura das imagens e a sua relação com experiências vividas permitirão o despertar da atenção e do interesse pelas possíveis mensagens que o texto veicula” (FERNANDES, 2003, p. 162).

Tal entendimento para nós é significativo, uma vez que embora façamos um esforço analítico sobre a produção textual em videolibras de um texto filosófico, devemos levar em consideração a alteração da própria materialidade do texto, e as inferências que o tradutor faz ao relacionar os elementos de sentido verbal com outros elementos não verbais. Reside aí os atos inconscientes de desconstrução e de recriação do texto alvo pelo tradutor.

Portanto, de forma didática, apreciamos a inventividade tradutória no seu plano estético-semiótico, levando em consideração os recursos empregados extra linguisticamente na produção textual em videolibras que, considere metodologias de letramento visual bilíngue para surdos

(FERNANDES, 2003), e sua aplicação no contexto educacional em sala de aula (REZENDE, 2019), o que nos permite vislumbrar produções que tenham miradas para o letramento visual bilíngue filosófico.

Organizamos nossa produção e tradução em etapas que já foram descritas por Fernandes, Medeiros e Santos (2015, 2017), Fernandes e Medeiros (2017), Medeiros (2018): *Pré-Produção, Produção e Pós-Produção*. Importante salientar que tais etapas tem apenas uma conotação didática, já que compreendemos que tais momentos não são estabelecidos de forma completamente distinta, mas muito mais circulares, com idas e vindas e reformulações que acarretam nos três momentos propostos.

Nesta sessão, abordaremos aspectos da tradução interpeladas com os processos de produção do material audiovisual. Não pretendemos entrar em análise estritamente linguística, mas sim na relação entre o formato de tradução e a sua relação com as possibilidades semióticas do suporte vídeo. Comentaremos brevemente, passos correlacionados a *Pré-Produção, Produção e Pós-Produção* e na sequência os conceitos que nos possibilitam descrever aspectos do texto “*Apologia de Sócrates em Libras*”.

Nossa atividade tradutória se organizou com as seguintes etapas e processos:

Pré Produção: Leitura compartilhado do texto, elucidações contextuais e conceituais, pesquisa de sinais, roteiro de tradução; roteiro de gravação, roteiro de edição; organização de possíveis recursos que contribuem para o letramento visual: (ilustrações, imagens, vídeos e legendas em português); roteiro de Notas de Tradução; Composição de sinalário

Produção: Captação de imagens na internet; edição, montagem e revisão de vídeo; Inserção de recursos semióticos/imagéticos (efeitos, imagens, legendas, previamente definidos na primeira etapa), Collor Correction Finalização.

Pós-Produção: Distribuição, postagem em canais de comunicação, aplicação em sala de aula com alunos surdos, avaliação de recepção do texto filosófico em videolibras.

Posto as fases de organização do trabalho tradutório, abordaremos nas nossas descrição sobre o material traduzido, o conceito de *Suporte, Gênero Textual e Verbovisualidade*. Compreendemos que tais conceitos nos possibilita aproximar o debate acadêmico e a complexidade envolta das produções de textos traduzidos para a Libras no formato proposto.

Organizamos a síntese conceitual metodológica sem a pretensão de esgotar outras possibilidades. É necessário resguardar um olhar atento às formas singulares do texto híbridos em Libras e sua potencialidade, sem forçamos teorias não pensadas nas línguas de sinais, portanto cabíveis a inconsistências quando cruzadas com especificidades da materialidade textual traduzida em Libras, objeto do nosso interesse.

As escolhas composicionais do texto *Apologia a Sócrates*, segue hibridismo de indicações de regras acadêmicas de produções em videolibras propostas pela Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras da

Universidade Federal de Santa Catarina⁸ e o Manual Para Normalização de Trabalhos Monográficos Em Libras e Língua Portuguesa do Desu/Ines – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Justificamos que as duas recomendações de normatizações possuem pontos de convergência e se aplicam para diferentes propostas, a Revista serve para propósitos de publicação de artigo acadêmico e o Manual para monografias, o que nos possibilita transitar e inovar em nosso trabalho pensando o contexto de produção e o público alvo da tradução.

Gênero Textual e Tradução

Compreender os gêneros textuais é basilar para a empreitada tradutória de qualquer texto, adensado mais ainda, quando trabalhamos com textos clássicos do campo filosófico como o de Platão, que coloca diversas estratégias discursivas que põe em relação Sócrates e a arte retórica.

Compreendemos que o tradutor atua primordialmente no campo dos sentidos da língua, não estritamente em suas unidades linguísticas, mas na atividade de interlocução textual, reproduzindo e reenunciando os enunciados que são sempre dialógicos e constituídos a partir de outros enunciados, da fala de outrem (FIORIN, 2016).

Para Bezerra (2015, p. 237) em uma ótica Bakhtiniana “a tradução é um diálogo de sujeitos da criação (guardadas é claro, as diferenças entre autor e tradutor) e, por consequência de culturas”. Sendo assim o tradutor é um profissional especializado na escuta de vozes presente no texto buscando sempre a compreensão das suas filiações discursivas. O processo dialógico, portanto, nos mostra que o produto da tradução jamais será monológica, mas sim a interação de pelo menos duas enunciaçãoes, já que a reenunciação é de natureza do próprio ato tradutório.

Sobral (2008) coloca dessa maneira que o que o tradutor cria, por meio de novo discurso produzido, é uma nova forma de relação discursiva: traduzir é rediscursivizar, transpor e transcriar um discurso em outro discurso. Conforme Ottoni (2005, p. 11) reconhecemos que “é entre diferença e semelhança que a tradução tem o papel de deflagrar a língua”.

Nascimento (2013) posiciona que nessa concepção devemos encarar a tradução como ato enunciativo-discursivo a partir da perspectiva dialógica do estudo da linguagem, o que significa que é necessário a materialidade produzida neste ato como um enunciado concreto, de uma dada cadeia de comunicação discursiva. Bakhtin (2015) dessa forma coloca que os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.

Isso exige do tradutor um processo de leitura muito mais atenta às diversas vozes e posições apontadas no texto fonte, e é dentro dessa reflexão que Sobral (2018) demonstra que a leitura do tradutor

8 A Revista pode ser consultada no site: <<https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>>

é marcada pela busca das maneiras como o texto cria sentido e isso envolve uma tríplice leitura num deslocamento entre a percepção do leitor, autor e tradutor.

O tradutor, é que é um leitor das profundezas, dos subterâneos da criação de efeitos de sentido [...] a leitura de autor que o tradutor também faz vai além da leitura de tradutor e de leitor, e as incorpora: trata-se de se pôr no lugar do outro, de co-autorar com ele em uma outra língua [...] o tradutor faz assim uma tripla leitura (SOBRAL, 2018, p. 118).

Para Sobral (2008) o tradutor busca ler o dito e o modo de dizer e os recria na outra língua. E é essa leitura de sentido que faz com que a atividade do tradutor esteja sempre sujeita ao discurso e não apenas em específico ao texto, observando em qual dada situação o texto foi produzido e em que dado contexto (SOBRAL, 2008). Ainda conforme nos explica Sobral (2008) os discursos se realizam de acordo com os gêneros, formas típicas relativamente estáveis de estabelecer relação entre interlocutores num dado ambiente social. Fiorin (2016) posiciona que os gêneros unem estabilidade e instabilidade, permanência e mudança, além de sua riqueza e infidelidade, sendo ainda os gêneros meios de apreender a realidade.

Sobral (2018) nesse diálogo define a tradução como um gênero, um gênero à parte que pode ser conceituado como *sui generis*, um pós-gênero ou trans-gênero. O autor aponta que o ato tradutório envolve essencialmente o todo do gênero, observando a construção de uma arquitetura discursiva. E é dentro desse gênero polimorfo que localizamos nossa atenção recortando aqui nosso objeto teórico que circunscreve-se em gêneros textuais.

Segundo Erler (2013) analisa a produção Platão no que tange ao aspectos metodológicos, estilos, e aspectos literários presente nas obras, existe na produção dos discursos platônicos o filosofar e o trato filosófico dos conteúdos e o aspecto literário. “O filósofo deixa o leitor participar das conversas como alguém que ‘espreita’ para dentro da tragédia e da comédia” (ERLER, 2013, p. 79).

No processo de tradução da Apologia de Sócrates para videolibras, buscou efetivar os elementos literários presentes na obra, colaborar com o letramento utilizando o estilo platônico que de acordo com Erler (2013) afirma que os textos platônicos buscam propiciar o transportar o leitor para situações cotidianas. Nesse sentido,

Platão no emprego de protótipos literários pertence ao caráter literário dos diálogos. As vezes Platão adota, integra e paródia também elementos de gêneros literários poéticos que não pertencem ao diálogo socrático e com isso transforma o gênero popular do diálogo socrático em um gênero artístico (ERLER, 2013, p. 81)

O texto Apologia a Sócrates, é um gênero literário, que conforme Brandão (2015, p. 139), situa-se no que Aristóteles chama de “lôgos

dikanikós o discurso judiciário”. Recorrente ao contexto do que acontece na efemeridade de um tribunal, expressando o que se passa dentro de um tribunal. “[...] espera-se que o discurso, lançando mão de argumentos ou provas (písteis), produza persuasão (peithó) e tenha como efeito o convencimento (pístis), levando a uma deliberação, pelo voto, sobre o que é justo ou injusto com relação ao passado” (BRANDÃO, *ab idem*). Tal pleito se move na intenção do convencimento do juiz na argumentação pelo contraditório.

Isso nos leva a identificar o caráter de oposição que os personagens ocupam na tradução, demarcando a performance para os contra argumentos e uma paisagem que remeta-se ao contexto judiciário, compreendido como um texto florense (ORLANDI, 2012). Porém, conforme Orlandi (2012) e Brandão (2015) abordam há discussões sobre o real gênero de Apologia a Sócrates e seu destinatário (os juízes ou os discípulos de Sócrates), uma vez que outras chaves de leitura reposicionam o “deslocamento do lógos judiciário para o epidítico, configurando uma espécie de passagem do particular (a biografia) para o universal (a filosofia)” (BRANDÃO, 2015, p. 148).

Por fim, Orlandi (2012, p. 277) pontua que “[...] trata-se de perceber que a Apologia de Sócrates é uma obra multifacetada e, por essa razão, ela não deve ser reduzida a um gênero literário exclusivo”. Com tais reflexões, podemos considerar o valor fluido do texto socrático, sua difícil fixação em um gênero específico e as diversas camadas nele presente, nos permitindo explorar essas nuances.

IMAGENS 3, 4 e 5. Gênero textual



Fonte: Imagens dos autores.

Impossibilitados de uma conclusão exata, mas munidos de informações que nos autorizam uma tradução intersemiótica, que transita nas diferentes leituras e definições, transpomos elementos que alteram a posição do tradutor em tela, assim como a imagem 03 que contextualiza a situação de inquérito, que ambienta a situação narrada, como na seção IV da tradução – *Fazer o que é justo permanecer no lugar adequado, obedecer a deus*.

Ou ainda na marcação de Meleto no tribunal, referenciando seu temperamento acusatório com a cor vermelha, como exemplificado nas imagens 3 e 4. Ao comentar as calúnias e a forma como se ufanam seus inimigos, a representação de um discurso sofisticado durante o processo de acusação é salientado na tradução com efeito de edição (imagem 4) exacerbando o clima do tribunal, a sinalização poética e ao mesmo tempo com tons bélicos, são uma escolha consciente a partir dessa compreensão sobre a posição valorativa do personagem, revelado no texto.

Suporte e Tradução

O conceito de suporte é importante para compreendermos a forma como a língua de sinais se materializa em texto fixo, duradouro e perene. Para trazermos um debate mais consistente para tal conceito, é necessário recorreremos às formas como as línguas e linguagens humanas resistem e circulam em diferentes períodos históricos, assim como em diferentes formas de inscrição no mundo.

A oralidade tem seu legado milenar e uma história de experiências e narrativas muito mais percorrida na experiência humana do que a escrita. Embora a sociedade ocidental posicione-se grafocêntrica e letrada, sua relação com a escrita e em especial com a circulação dessa em massa, é recente e tem marcação histórica em especial com a modernidade e a relação com a tecnologia.

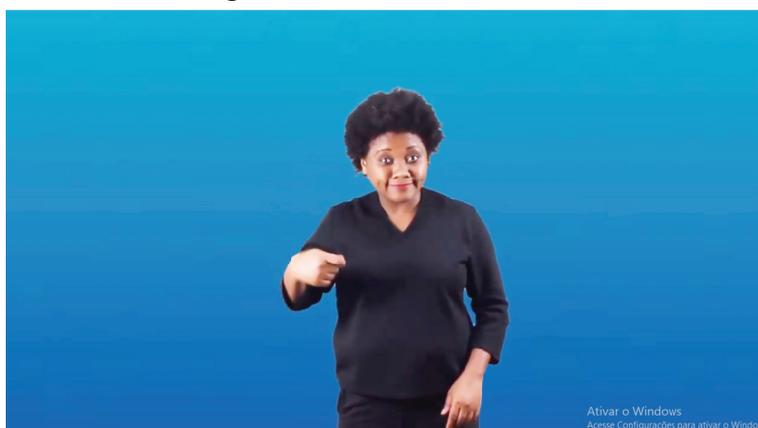
Marcuschi (1997), compreende que não há estritamente uma passagem da *oralidade* para *escrita* em termos de evolução, mas como uma tecnologia que permite o registro de memórias e o acúmulo de um conhecimento, que até então era mutável conforme o interlocutor. A defesa é que, mesmo antes da invenção da escrita ou de sua circulação em massa, diferentes povos produziam conhecimento e saberes não menos complexos intelectualmente que as sociedades de tecnologia escrita.

Não se nega a relação e contribuição cognitiva que a escrita estabelece na relação do seu uso, o que não altera, em síntese, a potência e as estratégias cognitivas de sociedades não grafocêntricas. Nessa linha, quando debatemos a oralidade e sua defesa como constitutiva de conhecimento para além da escrita, enquadrados a tradução em videolibras em proximidades com a “oralidade” ou como preferimos “sinalidade”, já que o ato interpretativo, mesmo baseando-se em um texto escrito (ou não) tem características de *performance*, ou seja, sua elaboração final, seu registro e inscrita no tempo, é concretizada pelo ato final de sinalizar um texto manifesto em um corpo, sendo possivelmente irreproduzível da mesma forma em outro instante de tempo.

Souza (2010) dialogando com as pesquisas de Stone, sobre Normas Surdas de Tradução, salienta o conceito de tradução performance para melhor identificar tal processo. Conforme comenta o autor “se trata de um tipo de tradução que, por exemplo, pode acontecer diante de câmeras de TV, e conta com a presença dos tradutores durante a execução da atividade tradutória” (SOUZA, 2010, p. 127).

Na imagem abaixo, a tradutora surda Paula, performatiza uma fixação do texto previamente estudado e pensado, decidido no processo, mas que se materializa apenas em sua performance frente às câmeras.

Imagem 6. Performance Tradutória



Fonte: imagens dos autores.

Marcuschi (2003) entende como “suporte” de um gênero o lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Medeiros e Fernandes (2020) consideram que “o suporte vídeo tem se prestado a registrar a memória da produção cultural em língua de sinais, como vimos, desde o início do século XX” (2020, p. 69).

Medeiros (2018) lembra que “no suporte vídeo, podemos observar questões inerentes à possibilidade que os recursos tecnológicos podem oferecer à composição de um determinado gênero textual em Libras”.

Taveira e Rosado (2013), apontam que há várias formas de significar o mundo para além das línguas fonéticas, tendo outras representações simbólicas à partir de uma matriz de linguagem visual cada vez mais presente em nossas sociedades numa “tendência histórica e antropológica, de crescimento cada vez maior desses suportes e meios” que conforme atesta os autores demonstram diferentes combinações, misturas e hibridismos “das três matrizes lógicas de linguagem: verbal, visual e sonora” (TAVEIRA, ROSADO, 2013, p. 31).

Os autores ainda refletem sobre as contribuições que a combinação de diferentes suportes e artefatos geram para o letramento visual de alunos Surdos, uma vez que nos impulsiona a considerar as diferentes matrizes de linguagem para o registro do pensamento, assim como suas combinações para uma pedagogia centrada no letramento. Levando em consideração o vídeo como registro da língua, as possibilidades de inserção de outros elementos na composição da textualidade sinalizada, apenas agrega e contribui para a expansão de diferentes referências para construção de sentidos.

Os elementos organizacionais do texto em videolibras, também são constituídos por outros elementos de cunho verbal e intersemióticos, mas que desempenham função primordial na estrutura global do texto.

O subtítulo sempre é representado com a tradutora no centro, com camisa cor preta, uma arte cinza em formato triangular ao lado superior esquerdo com o subtítulo em português, letras vermelhas. O modelo é estrutural e se repete para as mesmas situações.

Imagens 7 e 8. Elementos organizacionais e estruturais do texto



Fonte: Imagens dos autores.

A nota de rodapé, aparece no momento correspondente ao sinal/conceito que se deseja alguma explicação. O tradutor congela e surge um quadro secundário de 30% do tamanho com fundo amarelo com sinalizante centralizado, podendo conter ou não imagens no interior dessa janela, conforme a imagem 8. O modelo é indicação do Manual Para Normalização de Trabalhos Monográficos Em Libras e Língua Portuguesa do Desu/Ines – Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Articulação Verbo-visualidade e Tradução

Trazemos algumas contribuições dialogizantes com as características estruturais do gênero textual e as suas descrições verbovisuais, apresentando aqui algumas soluções de composição e estética para as produções de determinados gêneros textuais em libras. A depender do público alvo o emprego de determinados recursos podem ser mais explorados. A exemplo do texto *Apologia de Sócrates*, direcionados aos alunos Surdos do ensino médio de uma escola pública, tal dado e direcionalidade nos leva a determinadas escolhas estéticas e mesmo tradutórias, que possivelmente poderiam ser outras a depender do público alvo imaginado.

Para comentarmos um pouco mais a exploração de recursos, não verbais, intersemióticos, aplicados no texto, observamos o conceito verbovisual, deflagrando o que Brait (2013) denomina de dimensão verbo-visual do enunciado, onde tanto a linguagem verbal e não verbal, desempenha de forma conjunta função constitutiva de sentido.

O verbovisual pode ser pensado numa combinatória de materialidade, verbal e visual, organizados num único plano de expressão provocando efeitos conjuntos. Na tradução intermodal da língua de sinais para videolibras há uma potencialidade na exploração de elementos visuais combinatórios com a modalidade das línguas de sinais.

Em contextos tradutórios como o teatral, Fomin (2020), fazendo uma relação verbovisual comenta a presença do corpo do intérprete em relação com os elementos do cenário e a performance dos atores, como

texto-corpo. Na tradução que corresponde ao texto *Apologia a Sócrates*, não se tem elementos já pré concebidos como uma tradução teatral ou uma peça publicitária audiovisual, a interlocução verbovisual é constituída no processo tradutório, com escolhas objetivando criar a intersemiose entre Libras, português, imagens e efeitos de edição de vídeo.

Esta modalidade de registro de traduções tem, portanto, uma característica importante que deve levar em consideração o seu todo composicional, Libras (língua do público alvo), português escrito para salientar termos/conceitos que sejam importantes para articulação com outras leituras cujo acesso é apenas em modalidade escrita, imagens, sobreposição de vídeos, efeitos visuais, entre outros elementos possíveis de serem descritos.

Medeiros e Fernandes (2020) colocam que:

A potencialidade do uso do vídeo e de programas de edição também amplia a expressividade linguística e discursiva dos sinalizantes e cria alternativas quanto à expressão da linguagem, enriquecida com elementos não-verbais, que imprimem características singulares à estética do vídeo, relativos ao cenário, posicionamento do sinalizador, recursos de edição, entre outras possibilidades (MEDEIROS; FERNANDES, 2020, p. 67).

Medeiros (2018) observa que “os diálogos não-verbais as escolhas de plano e enquadramento, assim como os recursos de edição e programação visual trazem uma polifonia de conteúdo que podem contribuir para uma tradução dialógica”. Nesse sentido é fundamental o tradutor sondar a linguagem a qual ele se propõe a trabalhar em conjunto, observando quais as possibilidades de criação que se tem para uma tradução global do texto e uma reenunciação que explore os recursos verbovisuais e a tecnologia audiovisual.

Nos exemplos das imagens 9 e 10 apresentamos sucintamente o exemplo do uso da linguagem verbal (português) e não verbal (imagens) na relação com a Libras. As imagens das colunas gregas dóricas, buscam criar uma ambiência para o texto, localizando-o leitor num tempo imaginário. Ainda as imagens dos artesãos, quando citado por Sócrates, é colocado durante a referência do autor sobre este passagem, conforme a imagem 7.

Imagens 9 e 10. VERBOVISUALIDADES Linguagem verbal e não verbal



Fonte: Imagens dos autores.

Nome de personagens, cidades e termos importantes, são também colocados durante o processo de edição, mas antecipadamente pensados no roteiro de tradução, o registro em português, para além de nomes próprios e topônimos, contempla conceitos chaves que facilmente circulam em língua portuguesa. Entendemos que tais marcação não subjuga o valor do que é sinalizado, mas dá pistas do que em português pode sintetizar determinada ideia e aparecer com mais recorrência em textos escritos, já que não podemos negar a condição social bilíngue das pessoas surdas numa imersão de textualidade em português que circulam cotidianamente, além da escassez de materiais em Libras. A fonte da letra em língua portuguesa também busca uma representação que remete ao traço comumente associado ao grego.

Imagens 11, 12, 13 e 14. Efeitos e Edição de Vídeos



Fonte: Imagens dos autores.

Os efeitos de edição, em especial os ilustrados nas imagens 11, 12, 13 e 14 referem-se a interferência no plano textual, como o efeito de *zoom*, que é utilizado para enfatizar determinado sinal ou situação cuja atenção deve ser dada (imagem 11). Também experimentamos a mudança de cor do tradutor, no diálogo Sócrates e Meleto (imagem 12 e 13) conforme já comentado, demarcando, para além do processo anafórico⁹, o local e clí max estabelecido pelo personagem. Ainda, conforme as figuras (13 e 14), a marcação performática, mas também de efeito, pela coloração, indica a posição lírica de Meleto e seu sentimento ao escrever uma carta acusatória para Sócrates, que é encenada e sinalizada com uma camada visual que coloca uma carga mais densa para a presença do personagem e a sugestão de seu gesto. Ainda, a própria coloração em tom sépia, pode fazer alusão ao acontecimento como memória, fato acontecido então relembrando no discurso proferido.

9 O processo anafórico é um recurso linguístico em língua de sinais para demarcar a mudança de diferentes personagens e narrador.

Considerações finais

Consideramos que é fundamental a presença do texto filosófica na língua natural do estudante surdo, sendo um fator que contribui para potencializar o filosofar, um elemento a ser considerado no ensino é o respeito linguístico e cultural dos estudantes e a necessidade de uma produção visual que apresente os conceitos e os argumentos de maneira a possibilitar o letramento visual bilíngue filosófico.

Respondendo nosso problema de pesquisa: como desenvolver o letramento filosófico com os estudantes surdos considerando a ausência de textos filosóficos em videolibras? Concluimos que a ausência de textos filosóficos em Libras, inviabiliza uma boa prática de ensino, o que torna urgente compreender que a presença do texto filosófico em videolibras é um elemento importante para o filosofar, tais textos são mais benéficos, quando traduzidos levando em consideração etapas tradutórias que reflitam sobre o suporte, gênero textual e a verbovisualidade, passível de ser inferida no produto final, não perdendo de vista ainda, o público alvo da tradução. Mas para além disso, requer uma mediação docente, apresentar as condições históricas, os problemas, quem é o pensador, utilizar-se de uma pedagogia visual, no processo de explicação, mediação e avaliação em Libras é outro fator que não pode ser desconsiderado no processo de ensino da filosofia com o estudante Surdo na busca do letramento visual bilíngue filosófico.

Nesta pesquisa observamos também as potencialidades que o suporte vídeo dá para tradução intermodal em Libras possibilitando maior liberdade de criação tradutória buscando mais movimento e simultaneidade na relação dialógica do texto sinalizado e dos enunciados verbovisual, acurando-se a uma relação que constitua unidade de sentido significativo na língua alvo.

Não há um acabamento para o gênero. A inconclusibilidade é a característica motriz do gênero e os enunciados. Os tradutores de língua de sinais atentos às diferenças intermodais de língua e forma de registro e observantes das considerações da Norma Surda de Tradução, poderão contribuir significativamente para produções tradutórias dialogizando com os mais diversos gêneros e estimulando a potencialidade estética das obras traduzidas em Libras.

A utilização da linguagem audiovisual como ferramenta de acesso e letramento visual bilíngue filosófico em Libras, pode ser encarado como uma necessária política de tradução a ser posta como projeto e pauta de reivindicação para a Educação Bilíngue de Surdos, questionando a falta de políticas que encarem com real atenção às necessidades educacionais que são específicos da comunidade surda. Precisamos povoar textos filosóficos e de outras esferas em Libras, fazendo circular conhecimentos registrados e de fácil acesso à comunidade surda, assim como trazendo outros olhares para tais textos, ampliando nossas possibilidades de reconstruir um texto clássico em uma língua de outra modalidade e em diálogo com outras matrizes de linguagens.

Por isso o alerta da Marilena Chaui (2010) em sua entrevista sobre as condições da filosofia antes da sua exclusão na ditadura militar no Brasil. É importante considerar o tempo pedagógico, a quantidade de estudantes em sala como elementos da educação para emancipação dos estudantes sendo que o letramento visual bilíngue filosófico possibilitar condições para o pensar os carecimentos oriundos da vida cotidiana e isso requer mediação docente e material pedagógico adequado sendo a tradução videolibras um elemento indispensável nesse panorama de afirmação da pessoa e suas reflexões.

Encorajamos novas pesquisas que ocupem-se em explorar outros pontos que nos fogem, como o campo lexical da filosofia para o ensino e consulta por tradutores; *corpus* de textos filosóficos em Libras; metodologias específicas para tradução de textos filosóficos em Libras; materiais didáticos de filosofia que articule-se a essas produções; decomposição de outros elementos verbovisuais cabíveis de investigação em sala de aula do texto filosófico; revisitação das propostas tradutórias para melhoramento ou ênfase em pontos menos salientados pela tradução aqui apresentada; assim como pesquisas que discutam a relevância de uma política do PNLD que apresente a exigência da tradução dos materiais didáticos das diversas áreas do conhecimentos em Libras.

Referência

BEZERRA, Paulo. Tradução, arte, diálogo. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, v. 10, n. 3, p. 235-251/Eng. 257-275, 2015.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. PREGAR A CONVERTIDOS: QUAL O GÊNERO DA APOLOGIA DE SÓCRATES? *Kl é o s n. 19*: 137-151, 2015

CAPORALI, Sueli Aparecida; DIZEU, Liliane Correia Toscano De Brito. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

CHAUÍ, Marilena. **O ensino de filosofia no Brasil: Três Gerações**. In: CORNELLI, Gabrielli; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Marcio. **Filosofia: Ensino Médio**. Brasília: MEC; SEB, 2010.

DESU/INES. Manual para normalização de trabalhos monográficos em Libras e língua portuguesa do DESU/INES. Disponível em: <<http://www.ines.gov.br/images/desu/Manual-de-Monografia-emLibras-e-LP-015.pdf>> Acesso em: 20/03/2021

ERLER, Michael. **Platão**. Trad. Enio Paulo Giachini. 1ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2013.

FABBRINI, R. N. O ensino de filosofia no 2º. grau: uma “língua da segurança”. In: MUCHAIL, S. T. **Filosofia e seu ensino**. São Paulo: Educ, 1995. p. 77-85.

FERNANDES, S. F. **Educação bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, 2003.

FERNANDES, S. Letramentos na educação bilíngüe para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, Giselle; ANGELIS, C. M. de (org.). **Letramento: referenciais em saúde e educação**. São Paulo: Plexos, 2006.

FERNANDES, S.; MEDEIROS, J.; LEMOS, R. **A tradução Libras/ língua portuguesa: uma contribuição para a inclusão de estudantes surdos do ensino superior na UFPR**. In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 12, 2015. V1, p. 2417-2428.

FERNANDES, Sueli; MEDEIROS, J. R. Tradução de Libras no Ensino Superior: Contribuição ao Letramento Acadêmico de Estudantes Surdos na Universidade Federal do Paraná. **ARQUEIRO (RIO DE JANEIRO)**, v. 1, p. 98-114, 2017.

FERNANDES, Sueli; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngüe para estudantes surdos: contribuições ao letramento acadêmico no ensino superior. **Educ. rev.**, Curitiba, n. spe. 3, p. 127-150, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602017000700127&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Mar. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.51048>.

FERNANDES, Sueli; MEDEIROS, J. R.; SANTOS, R. L. A TRADUÇÃO LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS DO ENSINO SUPERIOR NA UFPR. In: XII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), 2015, Curitiba. 06. Diversidade e Inclusão, 2015. p. 2417-2427.

FERNANDES, Sueli; MEDEIROS, J. R.; SANTOS, R. L. TRADUÇÃO EM VÍDEOLIBRAS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A INCLUSÃO

DE ESTUDANTES SURDOS DO ENSINO SUPERIOR. In: Lucinéa Marcelino Villela; Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins (Org.). Recursos de Acessibilidade aplicados ao Ensino Superior. 01ed. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2017, v. 01, p. 113-132.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2016. 160 p.

FOMIN, Carolina Fernandes Rodrigues. Parte II Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais 10 Corpo-texto e verbo-visualidade. **SELS**, p. 194.

MEDEIROS, J. R. TRADUÇÃO E LETRAMENTO ACADÊMICO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DO PROCESSO TRADUTÓRIO DO PAR LINGUÍSTICO LÍNGUA PORTUGUESA/ LIBRAS. ESPAÇO (RIO DE JANEIRO. 1990), v. 50, p. 133-158, 2018.

HELLER, Agnes. **A Filosofia Radical**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HORN, G. B. **Por uma mediação praxiológica do saber filosófico em sala de aula**. In: Maria Auxiliadora Schmidt; Tania Maria Garcia Braga; Geraldo Balduino Horn (Org.). Diálogos e perspectivas de investigação. Ijuí: UNIJUÍ, 2008, v. 01, p. 179-195.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. Tradução Izidoro Bilkstein e José Paulo Paes. – 22 ed. – São Paulo: Cultrix, 2010.

KLEIMAN, A. B. (org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Signótica**, v. 9, n. 1, p. 119-146, 1997.

MARCUSCHI, L. A. A Questão do suporte dos gêneros textuais. DLCV – v. 1 n. 1, João Pessoa, Out./2003, 9-40.

MARTINS, Sandra, E. S.O; FERNANDES. Sueli de F. Apresentação do Educação de Surdos e suas Interfaces com as políticas linguísticas. Educação Unisinos 24 (2020) ISSN 2177-6210 Unisinos – doi: 10.4013/edu.2020.241.24

MARQUES, Rodrigo Rosso. **A Experiência de Ser Surdo**: Uma Descrição Fenomenológica. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MEDEIROS, Jonatas Rodrigues. Tradução e Letramento Acadêmico: Uma Proposta Metodológica do Processo Tradutório do Par

Linguístico Língua Portuguesa/Libras. **Revista Espaço**, p. 133-158, 2018.

MEDEIROS, J. R.; FERNANDES, Sueli. GÊNEROS TEXTUAIS EM VIDEOLIBRAS: UM ESTUDO DE ASPECTOS COMPOSICIONAIS. **REVISTA TRAMA (UNIOESTE. ONLINE)**, v. 16, p. 65-80, 2020.

NASCIMENTO, V. Contribuições bakhtinianas para o estudo da interpretação da língua de sinais. *Tradterm, [S. l.]*, v. 21, p. 213-236, 2013. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2013.59364. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/59364>. Acesso em: 21 mar. 2021.

ORLANDI, Juliano. A Apologia de Sócrates: entre a retórica judicial e a epidíctica. *Anais do Seminário dos Estudantes da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar ISSN (Digital): 2358-7334 ISSN (CD-ROM): 2177-0417 VIII Edição (2012)*.

OTTONI, PAULO. Tradução Manifesta: double bind e acontecimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. 200 p.

PATTO, Maria Helena Souza. **O Conceito de Cotidianidade em Agnes Heller e a Pesquisa em Educação**. *Perspectivas*, São Paulo, v. 16, p. 119-141, 1993.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**; Críton ou do dever; Fédon ou da alma. Tradução: Corvisieri, Enrico. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996. (Coleção Os Pensadores).

REZENDE, Edson Teixeira de. **A Recepção Filosófica do Estudante Surdo no Ensino Médio**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

RODRIGO, Lúcia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o Ensino Médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, Silvana Aguiar dos; VERAS, Nanci Cecilia de Oliveira. **POLÍTICAS DE TRADUÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO: DIÁLOGOS EMERGENTES**. *Travessias Interativas*. n°22, jul-dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.51951/ti.v10i22>

SANTOS, Silvana Aguiar dos; FRANCISCO, Camila. Políticas de tradução: um tema de políticas linguísticas? *Fórum Linguístico, Florianópolis*, v. 15, p. 2939-2949, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2018v15n1p2939>.

SEGALA, Rimar. Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

SOBRAL, Adail. Dizer o “Mesmo” a Outros: ensaios sobre tradução. São Paulo: Special Book Services, 2008.

SOUZA, Saulo Xavier de *et al.* Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de letras-libras. 2010.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

TAVEIRA, Cristiane Correia; ROSADO, LA da S. Por uma compreensão do letramento visual e seus suportes: articulando pesquisas sobre letramento, matrizes de linguagem e artefatos surdos. **Espaço, Rio de Janeiro**, n. 39, p. 27-42, 2013.

VALESE, Rui. **Aprendizagem filosófica através do uso de textos filosóficos nas aulas de filosofia no Ensino Médio**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

VIEIRA, Wilson José. **O Ensino de Filosofia e o uso do Texto Clássico de Filosofia: Análise a Partir das Escolas Públicas Paranaenses de Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

QUADROS, R. M. O Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

DE QUADROS, Ronice Müller; SEGALA, Rimar Romano. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. **Cadernos de tradução**, n. 2, p. 354-386, 2015.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phillis Perrin. **Aprender a Ver**. Trad. Tarcício de Arantes Leite. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.